A República podre

14 NOV 1993

FERNANDO PEDREIRA *

JORNAL DO BRASIL

Se os olhos ergo a ver se inda parece,
Da vista se me perde e da esperança.

Cinco séculos depois, não temos o gênio do poeta Luís de Camões para cantar nossas aventuras e desventuras. Os tempos parecem pequenos e soezes, mesquinhos, torpes. Será o Brasil, neste crepúsculo de 1993, um país fugidio e cabisbaixo? Talvez não. Mas a verdade é que um número crescente de brasileiros esforça-se hoje para não olhar muito além do próprio nariz, com medo de ver o que se passa à sua volta e o que lhe podem trazer os dias futuros. Erguer os olhos é um risco e uma aventura. Pode-se perder, quando menos, a esperança.

A República (e não, propriamente, o país) está podre. Onde quer que se espete o dedo, espirra lama e pus. Esses escândalos todos, em cascata, o que estão mostrando é que construímos (os políticos construíram) sobre nossas cabeças um sistema corrupto, viciado e venal, cujo objetivo é menos governar a nação e administrar-lhe os recursos do que roubar. Setores inteiros das obras e serviços públicos tornaram-se, em verdade, meros subprodutos do roubo.

Nas mãos desses senhores, estradas, viadutos, universidades, hospitais, creches são apenas gazuas para os superfaturamentos, desvios de verbas, propinas e comissões milionárias. No sopé da escada administrativa, atividades corriqueiras, como o policiamento das ruas ou a prisão de criminosos, são simples biombos para o que realmente importa: o conluio venal de policiais com a contravenção, o tráfico de drogas, o crime organizado.

Quem ganha com esse estado de coisas? Empreiteiros e fornecedores em geral, a máfia dos funcionários corruptos, deputados e senadores ladravazes. Quem perde? O país, o cidadão contribuinte. Na Itália, estima-se que o custo das obras públicas tenha caído para a metade (a metade!) depois da Operação Mãos-Limpas. No Brasil, o preço da corrupção é com certeza ainda mais alto (na verdade, na escala da corrupção internacional, ocupamos hoje, provavelmente, um degrau intermediário entre a Itália e a África negra, campeoníssima nessa triste matéria).

Não nos faltam, é claro, em todos os escalões, funcionários (e políticos também) honestos e dedicados. Mas o fato é que a corrupção brasileira há muito deixou de ser ocasional e esporádica para tornar-se sistemática e sistêmica. Nos dois últimos anos, o acaso de denúncias como as de Pedro Collor e, agora, desse economista mafioso de Brasília, levou (está levando), ao desbaratamento de quadrilhas montadas, antes, na presidência da República e, agora, no próprio coração do Congresso Nacional, a Comissão do Orçamento da Câmara dos Deputados.

Mas, em verdade, não há brasileiro razoavelmente bem informado, homem de negócios, jornalista ou político que não saiba que em inúmeros setores da república (estatais, repartições, órgãos diversos dos três poderes), há quadrilhas montadas, muitas delas longa e solidamente estabelecidas, que são as gestoras verdadeiras da coisa pública em suas áreas específicas. Esse escândalo de agora atingiu e derrubou um ministro-chave que vinha dos tempos de José Sarney e está alcançando senadores e deputados da cúpula do PMDB, alguns dos quais "operam" no Congresso desde os tempos de Juscelino e João Goulart.

O que são o PMDB e o PDT, na verdade, senão continuadores distantes do PTB e do PSD getulianos — escolas de espertos manipuladores dos dinheiros públicos, aos quais o arbítrio e a violência dos militares concederam a aura de "heróis" oposicionistas? Lucena, Benevides, Genebaldo, Ibsen (até ele!), João Alves — bastaram uns poucos anos de poder, da eleição de Tancredo para cá, para que esses homens mostrassem o verdadeiro sentido do seu "amor" (cobiça) pela coisa pública, e a República, em conseqüência, entrasse no vértice moral e econômico que vai nos engolindo a todos.

Ainda no último domingo, no Rio, grandes bandeiras dos partidos de extrema esquerda (com foice e martelo e tudo) encabeçavam uma passeata contra a corrupção pelas praias da cidade. É um amor recente, esse da esquerda brasileira, pelas mãos limpas. Desde 1945-50, sob o comando de Prestes, nossos líderes marxistas se tornaram aliados políticos, cada vez mais íntimos, da corrupção institucionalizada. A moral "burguesa" que ficasse para os burgueses. Na verdade, Prestes e seus companheiros não só não denunciaram nunca o apodrecimento da República populista, como se aproveitaram dele, em muitos casos, e lhe ofereceram o guarda-chuva ideológico que ainda hoje protege quadrilhas de gatunos diversos nas estatais "nacionalistas" e nos vários governos. Ora, a moral burguesa!

A corrupção, entre nós, tem raízes longas e muito fundas. É preciso, sem dúvida, demitir e punir exemplarmente essa gentalha toda que está sendo agora apanhada. Mas é preciso muito mais ainda. É preciso que a pressão da opinião pública e a própria força do escândalo (que levaram à "conversão" da esquerda) obriguem a classe política não só a amputar seus membros apodrecidos, mas a reformar em profundidade normas e sistemas (eleitorais, políticos, administrativos) criados ou adaptados, ao longo de todos esses anos, pelas próprias quadrilhas de corruptos para servir aos seus propósitos soezes.

"Se os olhos ergo a ver se inda parece..." Os brasileiros, os melhores, não andam hoje apenas cabisbaixos, mas, sobretudo, perplexos, indignados e assustados. Até onde vai a podridão? Em quem (e em que) confiar? É uma crise profunda, visceral, que sacode o país e abala as raízes da República democrática, diante da qual, entretanto, ao menos até agora, a reação do presidente Itamar, do ministro Fernando Henrique e dos outros homens em que podíamos (podemos) depositar nossas esperanças é ainda dúbia, tíbia, oportunística, hesitante.

Além da indispensável operação de limpeza, conduzida agora por Roberto Magalhães e seus companheiros, é necessária uma ação afirmativa, profundamente reformadora das instituições que nos governam (Justiça, Congresso, representação popular). Quem vai promover e liderar essa inadiável e indispensável reforma? Sem ela, apesar dos severos solavancos de agora, continuaremos como vamos e, em 94, seremos levados a eleger, outra vez, essa mesma gente, essa mesma carcomida República, ainda que sob nomes e rótulos novos. Haja saco!

* Jornalista, da equipe de articulistas do JB